

O ENCANTADO MALINO: A FACE OBSCURA DO BOTO EM NARRATIVAS RIBEIRINHAS MARAJOARAS

Cristiane do Socorro Gonçalves Farias*

RESUMO: Este artigo traz para a discussão, no que diz respeito às narrativas de tradição oral, uma vertente outra em relação às narrativas do Boto. Nas histórias mais conhecidas e difundidas sempre o revelam um ser encantado, sedutor e amante das mulheres em noite de festas. Entretanto, nas narrativas coletadas na cidade de Curralinho, localizada às margens do grande Rio Pará, na Ilha do Marajó, encontramos histórias que apontam outras faces. Com o objetivo de comparar, trazemos duas narrativas do livro Belém conta... “Troço impressionante” e “Boto bonito”, que mostram exatamente aquelas características marcantes do Boto. Para o contraste, colocamos três narrativas, gravadas com três narradores ribeirinhos, a partir de relatos de vida, onde foi perceptível uma face obscura desse encantado dos rios, que provoca a loucura e morte de quem se aproxima dele. Para tanto, buscamos amparo nas leituras de Loureiro (1995), que discute sobre o imaginário amazônico, em especial aqui sobre o Boto, e Benjamin (1993) que mostra a relevância dos narradores de tradição oral em qualquer comunidade.

Palavras-chave: Narrativa de tradição oral. Ribeirinhos marajoaras. Boto.

ABSTRACT: This article brings to the discussion, with regard to narratives of oral tradition, another strand in relation to the Boto narratives. In the best-known and most widely-read stories, he is always revealed to be an enchanted, seductive and mistress of women on party night. However, in the narratives collected in the city of Curralinho, located on the banks of the great Pará River, on Marajó Island, we find stories that point to other faces. In order to compare, we bring two narratives from the book Belém account ... "Impressive section" and "Boto bonito", which show exactly those remarkable features of the Boto. For the contrast, we put three narratives, recorded with three riverside narrators, from life reports, where an obscure face of this enchanted river was perceived, causing the madness and death of those who approach it. To that end, we seek the support of Loureiro (1995), which discusses the Amazonian imaginary, especially here about Boto, and Benjamin (1993), which shows the relevance of oral tradition narrators in any community.

Keywords: Narrative of oral tradition. Ribeirinhos marajoaras. Boto

1 Marés introdutórias

Este trabalho surge das águas barrentas da ilha do Marajó. Das vozes ribeirinhas que vivem nessas e dessas águas. Suas vozes são construídas pelo tempo do trabalho e das marés: reponta¹, preamar². Os narradores são sujeitos que têm nas suas entranhas o rio que corre trazendo pessoas,

*Professora de Educação Básica da Secretaria Estadual de Educação do Pará. Mestre pela Universidade Federal do Pará- Campus Bragança. E-mail: kissfarias@hotmail.com

¹ É o nome que os ribeirinhos reconhecem para o movimento das águas que enchem o rio, inicia-se a maré enchente.

² É o nome que os ribeirinhos reconhecem para explicar o momento em que a água chega no limite máximo, inicia-se a maré vazante.

mururés, canoas, lembranças, alegrias, tristezas, esperanças e, por fim, histórias submersas nas memórias que se entrelaçam ao cotidiano mostrando-nos a profundidade do imaginário marajoara.

A fim de falar sobre as narrativas ribeirinhas, naturalmente, faz-se necessário, neste momento, viajar por águas distantes, para contextualizar sobre a oralidade. Inegavelmente, desde os primórdios, os seres humanos sentem a necessidade de contar sobre sua vida, sua crença, seu trabalho, enfim. Desde o início dos tempos, ao se apropriar da voz, o Homem, concomitantemente, reconheceu o mundo e reconheceu-se nele. Corroborando para que histórias se espalhassem pelos quatro cantos da Terra. Acima de tudo precipuamente, no tempo em que só dependíamos da oralidade como forma de transmissão de conhecimento.

Depois, ao longo do tempo, outras maneiras de narrar foram inseridas pelos próprios sujeitos. Agora, não só pela voz, mas com auxílio de: imagens, pinturas, formas escritas, entre outras. Apresentam-se em diversos gêneros, pela necessidade de expressão do Homem. Nota-se que essa necessidade é indiscutível, como afirma Barthes (2013, p. 19), “sob estas formas quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades (...) a narrativa está aí, como a vida”. Está para ser sentida, experienciada; narrativa viva.

Não obstante, as diversidades nas formas de narrativas, fizeram, aos poucos, que os olhos do mundo voltassem para aquela forma primeira de narrar: a voz. Afinal, a narrativa é usada como fator social de interação de mundos, e de afirmação do Ser humano, sendo usado para confirmar algo, explicar e convencer o outro. Agora, já falamos da supra importância do sujeito narrador e do sujeito que ouve. Para Benjamin (1993, p. 221), “o narrador figura entre os mestres e sábios”, em grande parte, a imagem do narrador é direcionada ao velho, ao idoso de uma comunidade, pois é ele que adquiriu uma vasta experiência durante toda a vida.

Dito isto, esclareço que os narradores participantes fazem parte do tipo de narrador que fala Benjamin, mais especificamente, daquele que ficou em sua terra e mesmo assim é merecedor da escuta. De posse da voz e de alguém para ouvi-lo, então a narrativa surge. Em qualquer espaço: na ponte de frente para o rio, na casa de farinha, na canoa, em frente das casas, em qualquer lugar onde se provoque esse narrador.

Por isso, estas escritas são como o movimento das marés, é necessário encher-se, parar e seguir o fluxo. E neste, as águas encontraram narrativas de Boto, onde nossos inexperientes ouvidos estranharam a recorrência de histórias em que trazem um lado obscuro, bastante destoante das narrativas nas quais o mostram “encantador das mulheres”. Para tanto, para materializar a discussão

sobre esse lado, que reconhecemos como malino, traremos duas narrativas encontradas na obra Belém conta.... :“Troço impressionante” e “Boto bonito”, onde mostram o Boto um rapaz bonito e galanteador. Concomitantemente a isso, três narrativas contadas por ribeirinhos, recolhidas no decorrer de 2014, que apontam um outro lado, não o galanteador, e sim, o causador da loucura e morte.

2 Na repona das narrativas orais e o imaginário ribeirinho

Ao falarmos em voz, corpo e narrativa, falamos em um sujeito que toma a forma de narrador da tradição oral. Walter Benjamin (1993), filósofo alemão, aponta-nos dois tipos de narradores: o viajante e o agricultor. O viajante sai e, a partir das suas vivências, experiências vividas retorna com as bagagens cheias de histórias de fatos, “quem viaja tem muito o que contar”, e o narrador que fica em seu lugar, igualmente tem experiências para contar “também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do país” (BENJAMIN, 1993, p. 198).

A figura do narrador tradicional, em sua maioria, cabe ao velho por conta dos saberes adquiridos a partir de sua vivência. Infelizmente, para muitos, a conversa com um velho é perda de tempo, pois o tempo de um adulto jovem é diferente do tempo daquele. O adulto em plena atividade de trabalho não tem o tempo da escuta, como indica Ecléa Bosi (1994, p. 60): “para o adulto ativo, vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação”.

Para tanto, o velho é figura ímpar em qualquer comunidade, e se dermos um tempo para que eles contem, ensinem, farão, porque narrar é fazer o caminho da memória. A memória guarda partes da identificação de uma cultura. Compõe em um jogo de idas e vindas, ali a memória apresenta-se como lugar de recomposição do passado, propiciando a partir dessa recomposição a reflexão sobre o presente. Para o narrador, a memória é o alicerce, Zumthor (2010, p. 52), nos afirma que: “ninguém em sã consciência pode negar a importância da memória no ato de narrar, de contar”, pois “não podemos duvidar que a força de narrar tivesse formas antropológicas, e tudo que surge das narrações constituem a maneira de como o homem se coloca no mundo”. O ato de reconhecer-se no mundo, faz que sejamos criadores, e ou produtores de imagens.

Maffesoli (2001, p. 76), mostra-nos o imaginário como produção de um grupo no qual está socialmente inserido, o imaginário não produz pronomes possessivos. E a partir dos imaginários

surgem as imagens: “Não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de um conjunto de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado”.

3 Na correnteza das metodologias

Este trabalho é recorte de um projeto maior, em que foi necessário ir a campo literalmente. Houve a necessidade de sair da zona de conforto para traçar novos encontros. Dessa forma, o trabalho enveredou-se pela pesquisa qualitativa, mais especificamente a pesquisa participante. A característica basilar dessa é o envolvimento e o reconhecimento do pesquisador com os sujeitos envolvidos, ocasionalmente, mexe com a subjetividade, como percebemos na experiência de Brandão (2007, p. 12) “por outro lado a experiência de trabalho de campo tem uma dimensão muito intensa de subjetividade”. Para o autor, essa intensidade acaba, por vezes, redefinindo o método da pesquisa, “a própria experiência do trabalho de campo redefiniu projetos, redefiniu hipóteses de trabalho, redefiniu abordagens metodológicas e assim por diante”. Subentendemos a força do objeto de uma pesquisa, que em muitas, é ele que aponta o método a ser trabalhado.

Não se trata aqui de um trabalho etnográfico, porém, fez-se imprescindível a inserção mais intensiva da pesquisadora junto aos narradores, por conta do objetivo o qual era traçar uma cartografia das narrativas orais ribeirinhas. Utilizamos também a abordagem cartográfica. Conceito construído por Deleuze e Guattari, o qual aparece como um “rizoma”, que objetiva acompanhar o processo e não se limitar à representação. É no pensamento que mostra sua força performática, “inteiramente voltada para uma experimentação ancorada no real”. Deleuze e Guattari (apud PASSOS; KASTRUP; ESCÓCIA, 2012, p. 10), ou seja, cabe nele, compreender de que maneira as narrativas de tradição oral se apresentam e suas significações, nesses espaços das águas.

Como estratégia para a construção da cartografia das poéticas orais, é muito comum o uso da entrevista. Antes de tudo, de posse dos nomes das pessoas que poderiam corroborar com o trabalho, tínhamos um encontro prévio para explicar do que se tratava. No dia combinado, íamos para a gravação de fato. Porém, aqui a entrevista previamente construída não surtiu o efeito esperado. Naturalmente, encontramos nos relatos de vida, em que o narrador ficava livre para contar sobre suas memórias, o caminho mais gratificante. Para essas gravações dos relatos, foram necessários alguns equipamentos: gravador, máquina fotográfica, filmadora e um caderno de

campo. Participaram, três narradores, moradores da cidade ribeirinha Currealinho, um dos inúmeros municípios da Ilha do Marajó.

4 O motivo das águas: à guisa de explicação

Como forma de contextualizar o ribeirinho neste trabalho, descreveremos a experiência da pesquisadora antes de entrar no Programa de Pós-Graduação Linguagens e Saberes na Amazônia, em que faria a dissertação sobre as narrativas orais ribeirinhas dos velhos, moradores do rio Canaticu, da cidade de Currealinho, na Ilha do Marajó.

Primeiramente, o fato de ser ribeirinha moradora do mesmo espaço dos rios e florestas que os narradores, o *locus* foi a cidade Currealinho, que fica às margens do Rio Pará, na Ilha do Marajó. E também, em 2013, a pesquisadora fora embebida pelas águas de *Mnemosyne*, nas aulas da disciplina Poesia Oral, ministrada pela professora Renilda Bastos³. Durante a disciplina, muito se discutiu sobre a tradição oral. Depois das reflexões e teorias apresentadas, principalmente de Benjamin, sobre o possível desaparecimento do narrador⁴, inquietou-se em saber, se ali naquela cidade ainda contavam e quais histórias se contavam. Aquela disciplina foi um divisor de águas.

Por iniciativa própria, depois de algumas reflexões sobre as poéticas orais, saiu à procura de pessoas que tivessem histórias sobre o local. Aquelas ouvidas na infância. Antes de tudo, o objetivo era um só: guardar aquelas memórias, que a qualquer momento poderiam ser perdidas com a morte dos velhos.

Acresce que, depois de entrar no Programa de Pós-Graduação, as narrativas coletadas naquele momento, ficaram de fora do trabalho final, por conta do recorte. Foram muitos narradores: homens e mulheres em plena atividade de trabalho. Velhos e velhas a espera de alguém para ouvi-los. Jovens com grandes sonhos e esperança e crianças. Ao término da pesquisa foi inevitável não refletirmos sobre o fim, e o recomeço. O início de outra caminhada e por quais labirintos seriam escolhidos dali por diante.

As narrativas, as águas, as florestas, os velhos e as crianças reportaram a pesquisadora para sua infância. Foi fato. Fora transportada para a poesia de um mundo que há muito tempo adormecia

³ Professora Doutora, pela Universidade Estadual do Pará.

⁴ Em um contexto pós-guerra, em que as lembranças eram traumáticas.

no esquecimento. E a maioria das histórias da infância fora lembrada. Dos narradores que se reuniam na humilde casa de paredes de tábuas afastadas, que deixavam o assoalho muito mais misterioso em noite de luar, ao entrar pelas frestas os finos reflexos da luz da lua, prateadas no chão. Da casinha que ficava bem à margem do rio, cheios de troncos de mamorana⁵ o seu redor. Os devaneios da infância, logo se transformaram em ponte. A ponte que transporta de um lugar ao outro, a trouxe de volta para as margens desse rio, pelo simples motivo, qual fala Bachelard (2013, p. 06): “o ser humano tem o destino da água que corre”.

6 O Boto galanteador

Os narradores vivem na dicotomia da religião imposta pela igreja, e na crença em coisas que não sabem explicar, mas como muitos outros narradores de tantos outros lugares, respeitam os seres que permeiam os espaços das matas ou das águas. Apesar das transformações ocorridas, como já mostrou Wagley, em sua pesquisa realizada em meados do século XX na cidade de Itá:

Como sucede no pajeísmo, a antiga crença religiosa indígena tem-se modificado e fundido nos conceitos europeus análogos, introduzidos na Amazônia pelos portugueses. Alguns residentes de Itá negam a existência de tais espíritos e seres sobrenaturais (...), mas na realidade, quase todos em Itá, mesmo a maioria da classe alta, conservam sua crença nesses seres perigosos. (WAGLEY, 1988. p. 223)

Entre tantas narrativas que os ribeirinhos acreditam e respeitam estão as narrativas sobre o Boto. Originalmente o mito da origem do Boto compõe-se do amor entre uma mulher casada e um macho anta. O desfecho acaba com a morte da anta pelo marido traído. A mulher e o filho ao mergulharem no rio somem, emergindo já longe das margens, emergem transformados em botos, os dois, a mulher e a criança, que era filho da anta.

Para contextualizar a fala anterior, buscamos Loureiro (2015, p. 210), que fala sobre o Boto em seu livro e, inicia com a história de origem⁶ do animal:

⁵ Árvore típica da região que fica às margens do rio.

⁶ LOUREIRO. João de Jesus de Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. 4. Ed. Belém, PA: Cultural Brasil, 2015.

MITO DA ORIGEM DOS BOTOS

(contada por Paquiri)

Uma mulher era casada, mas tinha um namorado:
O macho da Anta, porque gostava do membro dele.
E estava sempre deitando com bichos.
O marido só desconfiava.
Ela fazia muitos beijos.
E quando o marido não estava, ia à beira do rio e cantava e assoviava, bem no lugar onde a Anta saía d'água.
Cauim apó arérehú
E a Anta respondia.
Fi! Fi! Fi! Fi!

O macho da Anta, saía d'água; Comia e ia deitar-se com a mulher.
O marido só desconfiava.
Um dia ele disse aos companheiros:
-Vamos matar a Anta?
-Vamos.
Fizeram muitos beijos.
E foram ao lugar onde a Anta morava.
E chamaram:
Cauim apó arérehú.
A Anta saiu d'água.
Os homens saíram de detrás dos paus e a mataram.
Partiram o bicho em pedaços. E puseram tudo no moquéim. Quando já estavam assados, levaram os pedaços para a namorada da Anta.
- Está aqui um pedaço de carne de porquinho que te trouxemos.
A mulher disse que não queria.
O marido dela e seus companheiros comeram toda a carne do macho da Anta.
No outro dia a mulher convidou o marido para tomar banho.
A mulher ia na frente carregando o filhinho que era dela e da Anta.
O homem pulou n'água.
A mulher mergulhou com o filhinho.
Demorou, debaixo d'água.
E boiou depois no meio do rio.
Ela e o filho tinham virado Boto.
O homem voltou para casa sozinho.
Por isso o sexo da fêmea do Boto é como o da mulher e o membro do Boto e como o da Anta macho.

O Boto é um mamífero muito comum nas águas doces, espécie de golfinho dos rios amazônicos, como dito anteriormente, por vezes temido, por outro respeitado pelos ribeirinhos. Em grande parte das narrativas que envolvem o Boto, ele passa por um processo de metamorfose, saindo do seu estado natural de animal e passa a ter características humanas, como forma de homem, trajando roupas brancas, sempre com um chapéu na cabeça, onde esconde um orifício, sua marca constante. Essa metamorfose dá ao Boto a conhecida face de Don Juan das águas doces.

De acordo com Loureiro (2015, p. 213), “o Boto é um encantado da metamorfose por excelência, expansão de uma espécie de êxtase dionisíaco, que deixa as mulheres fora de si

mesmas, fazendo-as esquecer todas as normas para seguir somente o impulso ardoroso desse ser de puro gozo, sem ontem nem amanhã”. Esse modo de conceber o espaço está presente muito forte nas narrativas deste trabalho, pois se faz concreto a maneira como esses sujeitos se relacionam com o meio, mostra o devaneio entranhado na vida dos ribeirinhos.

O ser que faz parte do mais íntimo desejo feminino como podemos ver em *Marajó*, de Dalcídio Jurandir (2008, p. 440): “Ela mordeu o sorriso, aceitou silenciosa e dançou. [...] A primeira lembrança foi Paricatuba, o olhar daquele homem – se ele subisse do rio e aparecesse, credo! Só mesmo como boto que vira moço bonito e vem desencaminhar moça”.

Alaíde, que dança com Deodato, imagina no mais íntimo do seu ser o Boto, homem bonito, entrar naquele espaço e quem sabe, tomá-la numa contradança. Dalcídio faz com que o leitor adentre as memórias de Alaíde, e reconheça em sua fala a tão conhecida narrativa, sobre o famoso homem que sai das profundezas das águas e, com todo galanteio, encanta a mais formosa entre todas as moças do baile. Sua saída é sempre repentina, pela descoberta de seu disfarce, voltando para as águas deixando a bela mulher encantada e apaixonada.

Nas narrativas abaixo⁷, podemos entender, pontualmente, o medo de Alaíde, na aparição do homem que pode desencaminhar as moças nas noites de festas, pois se trata de um ser encantado.

Troço impressionante⁸

Ela me chamou e disse:

– João, estou sozinha aqui. O Rui foi pro jogo.

Eu disse:

– Vem pra cá. Isto nos ido de 69, mais ou menos. Não tinha luz [...] de repente eu vi uma pessoa lá no caramanchão. Eu fui, cheguei perto, estava um homem em todo branco, todo de branco, chapéu na cabeça, embalando as pernas. [...] Era baixo, moreno, de chapéu na cabeça, sapato preto, todo de branco [...] quando eu estou fechando o portão, lá vem assobiando, aí pela linha, [vem assobiando, assobiando, assobiando] desceu aí na rampa. Foi embora... Até quando eu não vi mais aí, pra dentro da maré, né? Troço impressionante!

Boto bonito

[...] –Ah! O boto também ouvi falar muito. Era uma festa no interior [...] Então, diz que era de madrugada, aparecia um rapaz bonito, bonito, bonito. Era um rapaz lindo, né? Branco, louro, olhos azuis. Quer dizer que ali ninguém conhecia. Ela apareceu na festa... Aí, mais tarde ele. A começou a namorar com ele, né, e ele com a moça. Aí, foi a maior alegria. Quando [], quando deu quatro e meia para as cinco [...] Aí, ele disse que ia embora e vinha noutro sábado, quando tivesse uma festa. A moça ficou apaixonada por ele. Aí, ele saiu. Ela ficou olhando... Ele não foi pra outro canto. Seguiu, seguiu no rumo do trapiche. Então ele tinha na mão uma bengala e o chapéu na cabeça. Quando chegou

⁷ As narrativas fazem parte de um projeto maior. O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares na Amazônia Paraense (IFNOPAP).

⁸ Belém conta... p. 77-79/118-119.

bem na ponta da ponte...Aí, ele deixou na ponte a bengala e o chapéu. Aí, se jogou n'água e soprou lá na frente. Aí, sabiam que ele era boto. Aí, era. Aí, todo o pessoal corria atrás dele, pra linchar ele. Chegam lá não encontram nada. Só viam o rebu [...] Mas ele sabia, né? Porque era encantado, né? Ele ficava sabendo... Que ele já ia embora, né? Ele só aparecia assim, pra banda da madrugada []. Ele vinha...

As narrativas são sucintas e diretas. As características bem consistentes em relação à figura performática e encantadora do Boto. Ratificando a popularidade de irresistível às mulheres escolhidas por ele. A beleza e as vestes brancas, são as principais marcas: “O Boto, então, é sempre um belo rapaz de olhos negros e brilhantes, enfeitadores e vestido de branco. Encanta por sua aparência”, Loureiro (2015, p. 220), continua “cumpre apenas um destino: amar”. Mediante o exposto, é possível compreender a fama de encantador apaixonante. Simões completa (2007, p. 06): “O boto amazônida povoa as nossas narrativas metamorfoseado em rapaz, de belo porte, sedutor e sempre disposto a envolver ‘cunhantãs’ incautas (ou não), mas, na maioria das vezes, predispostas ao amor”.

Entretanto, para este, apresentamos algumas variantes encontradas nas narrativas e memórias de três ribeirinhos, a respeito do Boto. As narrativas divergem dessa face encantadora e belo amante. Demonstra muito mais do que o poder de sedução em relação às mulheres, como costumeiramente ouvimos. Ainda saem dos rios metamorfoseados, mas não em momentos de bailes, e sim, em situações corriqueiras a vida dos narradores.

7 A face malina do Boto

As águas transportaram os olhos e ouvidos para as narrativas ouvidas no percurso da pesquisa, em que foi perceptível características pouco propagadas em relação às narrativas que envolvem o Boto. Nas narrativas mais conhecidas, a figura do conquistador é o que se sobressai. Do rapaz bonito que encanta as moças deixando-as apaixonadas. Também está presente nas narrativas ribeirinhas, mas nelas é recorrente o animal transformar-se em homem, apresentando-se na imagem do marido à noite depois que o mesmo sai para atividade, constantemente voltado para a pesca ou caça. De acordo com as narrativas, a intenção do Boto é manter relação sexual com a mulher, que em sua maioria está de parto, ou levar a criança recém-nascida.

Entretanto, as narrativas analisadas, apontam consequências de loucura e morte causadas pela proximidade entre o animal e o humano. É crível a transformação dos seres não humanos em humanos. Por isso, as narrativas são formas outras do ribeirinho mostrar essas metamorfoses.

Para fazer um trabalho onde preciso mostrar a diversidade da narrativa, optei em trazer três narrativas de três narradores diferentes, para assim, apontar as facetas que essas narrativas apresentam dentro da comunidade ribeirinha. Ainda por cima, faz-se relevante trazer as narrativas na íntegra, para que possamos compreender, pelo menos minimamente, o contexto em que estão inseridos esses narradores. Suas lembranças fazem parte do cotidiano, de trabalho, da vivência, da experiência. Os narradores têm idade entre 52, 58 e 71 anos respectivamente. As narrativas estão escritas e, colocadas em fonte Times New Roman, tamanho 10, com recuo de 1 cm de ambos os lados, espaço simples, pela necessidade de trazê-las sem cortes, como exposto anteriormente. Como forma de elucidar a etapa da transcrição do oral para o escrito, esclarecemos que o nosso foco eram as narrativas em si, e não questões pertinentes à linguística. Por isso não fizemos correções gramaticais, as variantes estão da mesma maneira apresentada pelos narradores.

7.1 D. dica (2014)

Mamãe contava que tinha uma senhora que ela tava de resguarde, né? E o pessoal de lá tinham feito um negócio de uma tapagi⁹, e cercaram o rio e aí o pessoal tudo de casco... Mas isso era de verão, não era de inverno não! Era de verão que eles batiam timbó de primeiro, né? Aí eles cercaram e foram embora bater timbó lá pras cabeceira. Quando eles viram, lá se vem o boto! Tava dentro do timbó! O boto se desembestou a pular! Dentro d'água! Pulava, pulava, aquele boto! E eles em cima, em cima... Até que mataram o boto! E tinha uma mulher que estava de resguarde lá em baixo... Era lá na Mara, acima de casa um pouco. E tinha corrido o boato que tinham matado o boto e a mulher tava de resguarde e endoidou pra querer ver boto:

– Não, não, não! Tu não pode porque tu tá de resguarde!

– Não! Eu quero ver esse boto!

Tá bom... O pessoal deixaram ela no quarto. A parteira não deixou ela vim ver! Aí, se arrumaram, o pessoal que tinha matado, né?

–Vamo enterrar lá pra boca do Jurapara! Embarcaram o boto. Vinham andando... Passando justo na frente da casa dela... E ela foi brechar... Brechou o boto! Endoideceu na hora! Ficou doooida! Endoideceu... Ela gritaaava! A mamãe contava pra nós! Nós era tudo assim moleque, mas nós prestava atenção! Na boca do Jurapara! Foi enterrado boto lá!

E a mulher ficou doida para sempre! Com oito dias ela morreu!

7.2 D. Zeca (2013)

A minha mãe contava de uma mulher que ela morava aí no Samanajós¹⁰. Que a mulher

⁹ Espécie de armadilha para peixe feita em igarapés.

¹⁰ Um de vários rios pertencentes ao município de Curalinho

dizia:

–Ah! Se tu presta vem dormir com ela!

Depois a mulher...O marido saía pra lanterna e o boto vinha dormir com ela, feito o marido! E foi uma dessas vezes foi que ela.... Chegou parece ao ponto de.... Eles levarem ela!

O boto levou ela! Aí com uns quatro dias acharam ela morta na beira!

Foi! A mamãe contava isso!

O marido dela já tinha visto umas quantas vezes ela com ele...Ele dentro da casa com ela, né? Naquela época não existia esse negócio de cornagem essas coisas, longe de vizinho! Era boto mesmo! Ele sabia o que era. E aí ela começou a ficar pateta...Esquecendo de tudo, né? E foi o que aconteceu com ela. Largou filho, largou marido, largou tudo e ficou pateta! Ele falava com ela e ela não dava atenção pra ele como se fosse assim:

–Eu não sei quem tu é! Eu não te conheço!

E quando foi num dia ela não amanheceu na casa. E aí procuraram, procuram...Foi que já com quatro dias que acharam ela. Essa história que a mamãe contava. Dessa mulher que desapareceu!

Foi triste! Que ela deixou três filhos! Eu não me lembro de que família era, eu não sei se o papai se lembra, mas eu não me lembro, mas a mamãe contava essas histórias todinha!

7.3 “*Seu*” Souza (2013)

Aí essa mulher ela desdenhou do boto. E aí eu disse assim:

–Eu vou esperar ele! Vou esperar o boto! Saiu! Mas pense num homem, um príncipe que vinha de lá! Saiu no miritizeiro e subiu! Aí quando ele vai chegar aqui, porque eu tenho um convênio também com os encantos, aí! De tudo eu me formei um pouquinho... Eu saí no mundo foi pra aprender, né?

Aí, eu cheguei:

–Ei, meu amigo! Pra onde cê vai? Ele olhou assim e disse pra mim, ele sabia meu nome, e disse:

–Seu Souza?

–Pra onde tu vai rapaz?! Deixa a menina aí!

–Não, seu Souza! Pra ela saber que eu sou homem! Pra ela não desdenhar de mim! Dizer que eu não emprenho nem a minha mãe?! A minha mãe eu não emprenho não! Mas ela tá prenha de mim! Ela já tá prenha! Aí, o que o que o senhor quer que eu faça?

–Não! Tá certo! Como ela já está prenha, acabe de emprenhar, mas não venha mais!

Aí ele disse:

-Não, seu Souza! Eu vou atender seu pedido, porque eu gosto de você! Todos nós aqui dentro do Marajó gosta de você! Que você é a única pessoa que nunca atirou em boto! E eu nunca atirei. E eu foi aquele que movi aquele processo pra não matar boto aqui no Marajó, eu que movi aquele processo e disse: Quem matar um boto é o mesmo que matar uma gente, um soldado, bombeiro! Quem mata um boto vai condenado! Aí eu movi esse processo, e todos os encantados gostam de mim! É homens e mulher e tudo! Eu digo: um dia eu ainda vou desdenhar de uma bota que é pra mim casar com a bota!
- Não faça isso! Se o senhor fizer ela vem! Não pense que ela não vem, que ela vem!

E a moça ficou grávida, teve o filho. e eles vieram buscar. No dia que o menino que eles dão tipo uma coisa que eles entram na casa sem ninguém ver e deram tipo um remédio pro menino, o menino dormiu ali e, ela pensava que o filho tava morto e eles vieram e levaram! Só eu que vi! Chegou o pessoal e tudo olhando e quando o pessoal saíram, eu digo:

Veja o caixão e não olha mais! Quem teve de olhar, olha agora e não olha no cemitério! Tava molinho com três dias de nascido, eles levam logo, levam chega lá e metem no fundo... E fica encantado!

Como podemos notar, nas narrativas dos ribeirinhos, o Boto já não se apresenta com suas vestimentas brancas e não encontra as mulheres nas festas. Na primeira narrativa de D. Dica, o Boto está em seu estado animalesco e já sem vida, atacado pelos homens que pescavam. Entretanto, mesmo assim, de acordo com a narrativa, deixa a mulher parturiente, doente, louca, por sua teimosia em querer ver o animal, até que ela não aguenta e acaba morrendo. Não houve o rito de sedução, mas a morte foi ocasionada pelo simples olhar: “uma mulher nunca deve olhar para um boto quando este aparece à tona” (WAGLEY, 1988, p. 238). Pelo que é compreensível aqui, não se deve direcionar o olhar, nem mesmo quando estiver morto.

Na segunda narrativa, D. Zeca narra uma versão diferente da primeira, pois nessa já encontramos pistas da transformação do Boto em humano. Aqui também acaba na morte da mulher, que possivelmente foi encantada e não percebeu a tempo a transformação do boto na pessoa de seu marido, “O boto levou ela”, levou a mulher para as águas profundas, porque a encontram já sem vida pelo rio. Esquecendo os próprios filhos, marido, casa, tudo. O amor em estado de loucura: “O amor do Boto é um amor de perdição” (LOUREIRO, 2015, p. 220).

Essa narrativa é muito semelhante a uma trazida por Wagley (1988), todavia, nela a mulher seduzida não morre, recupera-se, volta a recuperar o corpo, a cor. Porém, tendo o marido afrontado o boto, para que não levasse sua mulher, não teve a mesma sorte, esse acabou perecendo dias depois, enfeitado pelo boto: “Sua esposa começou imediatamente a aumentar de peso e a perder a cor macilenta, mas o pobre marido, disse o Juca, caiu com febre e morreu pouco depois, enfeitado pelo amante-boto de sua mulher” (WAGLEY, 1988, p. 239).

A derradeira narrativa, de “seu” Souza, chama atenção pelo fato do surgimento da “voz” do Boto. Nessa, transformado em homem, mas não em um homem qualquer, “um príncipe”, que veio de “lá”, das águas. Tem uma conversa com o próprio narrador, justificando seu ato, a mulher o tivera desafiado. Também agradece ao “seu” Souza, pelo fato de não matar seus próximos pelo rio, e embora seu apelo, não ria desistir do namoro com a mulher. Acresce que, a mulher fica grávida,

mas agora, o interesse do Boto é na criança. Tendo em vista o objetivo, consegue pelos seus métodos, levar a criança para o mundo dos encantados, diante do fato de ser também, a crianças um ser encantado; “Se uma moça der à luz o filho de um boto, a criança deve ser imediatamente ‘devolvida ao pai’ (isto é, atirada n’água)” (WAGLEY, 1988, p. 239). Aqui, o próprio pai, veio em busca de seu filho.

Na preamar das considerações finais

Percebemos que desde a sua origem, o Boto é um animal carregado de simbologias. As narrativas que o envolvem são características de/em lugares como o da pesquisa: cidades, vilas, comunidades menores à beira do rio, principalmente na Amazônia. A partir delas, adentramos nos interditos do envolvimento entre os humanos, não-humanos e sobre-humanos, e nas situações em que os papéis se confundem. E, não raro, confundem os próprios narradores que tentam compreender o papel mítico desse ser encantado que por vezes protege seu lugar, protege as pessoas que ali vivem e, ao mesmo tempo, entra em conflito com os mesmos. A diversidade dessas narrativas, ora boto, ora ser humano, traz vicissitudes próprias da experiência caboclo-ribeirinha, envolvendo problemas para alguns, em contrapartida, para outros não.

Por hora, também as narrativas indicam que nem sempre os animais precisam estar no processo de metamorfose para se fazerem presentes. A epifania do homem marajoara ribeirinho ratifica-nos que não importa como surgem esses animais encantados, eles estão ali. Mostram-no também que nem sempre cabe ao Boto, o papel de sedutor e galanteador, que está disposto a correr riscos por uma mulher.

Em suma, as narrativas que trazem o Boto ainda continuam a ser motivos de mistérios, medo e respeito por muitos ribeirinhos, pois têm na figura do animal: um companheiro de pesca, um protetor das águas, dos peixes e dos naufragos. Águas, lugares de seres que encantam e são encantados. Mas, sobretudo, que ainda são temidos por muitos que conhecem o lado obscuro desse ser. E, além disso, temos a poesia de tradição oral presente manifestada de diversas formas. Para fortalecer a proposta desse trabalho, termino, propositalmente, com estas diretas palavras de Fernandes:

Por isso, enquanto texto oral (e fonte de pesquisa) a poesia oral diz respeito ao que “ se faz”, e não ao que “foi feito”. Desse modo, para estudá-la, o pesquisador deve constituir

um conjunto de possibilidades de manifestação, pois a singularidade não cabe à poesia oral. Sua análise prescreve o *aqui e agora*, o momento em que um sentido déspota no horizonte nascente em que o texto oral está se materializando. (FERNANDES, 2007, p. 36)

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad Antonio e Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

BARTHES, Roland. [et al.] **Análise estrutural da narrativa**. Tradução de Maria Zélia Barbosa. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. Considerações sobre a obra de Nicolai Lescov. *In* Obras escolhidas. 6. ed., v. I. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças dos velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos de Rodrigues. **Reflexões de como fazer trabalho de campo**. Revista Sociedade e Cultura, V. 10, N. 1, jan./jun. p. 11-27.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **A voz e o sentido**: poesia oral em sincronia. São Paulo: Editora UNESP, 2007

GOLDER, Christophe; SIMÕES, M. P. S. G. (Orgs) **Belém conta...** Belém: Cejup; Universidade Federal do Pará, 1995. (Série Pará Conta).

JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. 4. ed. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro – Casa Rui Barbosa, 2008. (Coleção Ciclo do Extremo Norte).

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. 4. ed. Belém, PA: Cultural Brasil, 2015.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre. n. 15. Agosto de 2001.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa, intervenção e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SIMÕES, M. P. S. G.. **Metamorfose**: a relevância do tema em narrativas orais da Amazonia paraense. **Organon** (UFRGS), v. n. 42, p. 233-243, 2007.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica**: um estudo do homem nos trópicos. Tradução de Clotilde da Silva Costa. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: UGMG, 2010.

[Recebido: 20 nov. 2017 – Aceito: 26 dez. 2017]